

EUNICE WEAVER
A Grande Servidora do Bem

Por Carmo Vasconcelos



Eunice Weaver
1902/1969

Eunice Sousa Gabi Weaver, nasceu numa fazenda de café, na cidade de São Manoel interior de São Paulo, em 19/09/1902, filha de Henrique Gabbi - carpinteiro, natural da província de Reggio Emilia, Itália - e de Leopoldina Gabbi - natural de Piracicaba/SP.

Sua vida foi totalmente dedicada aos portadores do mal de hansen e suas famílias.

Era portadora de beleza particular, impressionava pela altivez sem imposição, pela decisão sem arrogância e pela simplicidade repassada de nobreza.

Sua mãe, de origem suíça, falava muitas línguas, imprimia hábitos de estudo e princípios morais austeros.

Eram muito amigas, e quando ela morreu moravam em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Foi estudar em São Paulo e, durante as férias na fazenda, ocorreu este facto:

Começo de século, São Paulo, fazenda de café, próspera. No terreiro, vagaroso como numa procissão, vem entrando um bando em farrapos, os rostos ocultos. São mendigos, doentes, associados na miséria, no abandono da vida, que apanham agasalhos e alimentos deixados na porteira. As crianças da Casa Grande são levadas para dentro, às pressas, portas fechadas, cortinas corridas. Uma das meninas se esconde. Súbito, uma mulher abandona o grupo e aproxima-se. Há nela um vago ar aristocrático, restos de nobreza, voz serena, escondida na sombra do grande chapéu de palha, não se vê o rosto:

“Sou Rosa! Mesmo que não se lembrem de mim, quero agradecer. Meus pais dizem que me suicidei, é melhor assim, seria segregada; joguei minha roupa no rio, pensaram que me afoguei. Casei-me com aquele homem. Nessa vida de cigano é melhor ser um só.”

Rosa Fernandes fora uma linda jovem, filha de vizinhos, que se tornou cobiçada donzela e que a todos encantava, mas que havia, há algum tempo, desaparecido. Esta moça tinha contraído lepra nos tempos de colégio.

Nunca mais Eunice esqueceria os "Olhos de Rosa", e a partir deste episódio, começava o seu trabalho em benefício dos nossos irmãos chegados, como *A Grande Servidora do Bem*.

Ela talvez não tenha feito nada por Rosa Fernandes, mas o fez por muitas "Rosas" que desabrochavam do seio de hansenianos, e que por enfermidade de seus pais não podiam permanecer com eles.

Em 1927, reencontrou Charles Anderson Weaver, que havia sido seu professor de latim.

Dirigia o Colégio Granbery, havia enviuvado e tratava da edição de seu livro, em São Paulo. Eunice ficou fascinada por sua cultura, inteligência, bondade e brilhantismo de ideias.

Quando se casaram foram morar em Juiz de Fora, onde leccionou História e Geografia. Embora o casal não tivesse tido filhos, Eunice cuidou dos quatro filhos do primeiro casamento do marido.

Foi mais do que um simples matrimónio, antes um encontro de almas mutuamente dedicadas, que se reuniram para um sublime ministério de amor e solidariedade humana.

Em seguida, Dr. Weaver foi convidado pela Universidade de Nova Iorque, a dirigir uma universidade flutuante, a bordo de um luxuoso transatlântico, que faria uma longa viagem, para melhor formação de seus alunos em volta do mundo.

Aceitando o honroso convite, partiu do Rio de Janeiro, acompanhado pela esposa em inesquecível cruzeiro de cultura e amor.

Eunice aproveitou para estudar jornalismo, sociologia e filosofia oriental visitando 42 países.

Mais tarde, estudou na Columbia University e fez curso de Serviço Social na Universidade de Carolina do Norte (EUA). Como repórter, trabalhou durante a viagem, viveu um dia inteiro num templo budista, foi até ao Himalaia de jumento e entrevistou durante quatro horas Mahatma Ghandi, um dos fatos mais emocionantes de sua vida - "Foi o homem mais próximo de Jesus Cristo que conheci".

Por onde andaram, ela procurou conhecer de perto o problema da lepra, o que em relação a ela se havia feito e o quanto restava por fazer.

Estagiou em numerosos leprosários: nas ilhas Sandwich (no Pacífico Sul), no Egito, na China, no Japão e na Índia. Em todo lugar recolhia material de experiência para o ministério redentor a que iria se entregar totalmente.

De volta ao Brasil, em Juiz de Fora, começou a fazer a campanha de assistência aos leprosos. Foi fundada a Sociedade de Assistência aos Lázaros, pois, em Minas Gerais, nesta época, o problema da lepra era terrível: o trem passava de madrugada, o vagão de segunda classe cheio de doentes encaminhados ao único leprosário em Belo Horizonte, o Santa Isabel; e ela levava à estação, roupas, cobertores e refeições.

A recomendação era sempre a mesma: "Dona Eunice, tome conta de nossos filhos, não os deixe passar fome, não permita que fiquem doentes com esta terrível moléstia".

Aquilo ficava em seus ouvidos.

Sabia que a lepra não era hereditária, e a primeira campanha foi organizar preventórios, mais tarde, transformados em educandários, com a preocupação de educar crianças, sem recalques, fazendo-as participar da comunidade em condições normais.

Em 1935, com muita coragem, conseguiu convencer o Presidente Getúlio Vargas a ajudar oficialmente a obra, que lhe prometeu dar o dobro do que ela conseguisse junto a sociedade civil.

Após esse acordo, Eunice passou a viajar por todo o Brasil, lançando a campanha da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

Uma das passagens mais interessantes durante as construções dos educandários deu-se no Amazonas.

Eunice estava no canteiro de obras da futura instituição que iria abrigar os filhos dos hansenianos daquela região quando, de repente, um bando de jagunços aparece e tenta impedir a obra sob a alegação que não queriam um leprosário no local, pois na região não existia lepra.

Eunice então, sugeriu ao líder dos jagunços que subissem o rio onde, em poucas horas ela lhe mostraria algum leproso, caso contrário, não construiria o Educandário.

Nesse instante, pegaram um barco e subiram o rio.

Após várias horas percorrendo o referido rio, nenhum leproso foi encontrado.

Os jagunços, com sua costumeira arrogância e cheios de si por terem conseguido impedir a construção do leprosário, resolveram dar a questão por encerrada.

Entretanto, num determinado momento, Eunice vendo uma choupana, disse: "Pare, aqui tem lepra!"

Ao descerem do barco concluíram que dentro da choupana havia mais de trinta leprosos.

O líder dos jagunços, atônito com o fato ocorrido, abandonou as suas funções de jagunço e passou a ajudar na construção do Educandário.

Surgia naquele momento o primeiro coordenador do Educandário de Manaus.

Dona Eunice Weaver esteve presente, também, em memoráveis labores assistenciais, criando e ajudando obras meritórias surgidas no Brasil, como verdadeira sacerdotisa da fraternidade.

Foi a primeira mulher a receber, no Brasil, a Ordem Nacional do Mérito, no grau de Comendador, em Novembro de 1950, e também o troféu internacional "Damien-Dutton" (pela primeira vez outorgado a uma pessoa da América do Sul). Publicou "A Vida de Florence Nightingale", "A Enfermeira" e "A História Maravilhosa da Vida". Representou o Brasil em inúmeros congressos mundiais sobre a doença, organizou serviços contra a lepra no Paraguai, Cuba, México, Guatemala, Costa Rica e Venezuela.

Em 1960, Eunice Weaver recebeu o título de Cidadã Carioca ao completar 25 anos na direcção da Federação e, em 11/09/1965, por indicação do vereador Pedro de Castro, recebeu o título de Cidadã Honorária de Juiz de Fora.

Em Outubro de 1967, foi para a ONU como delegada brasileira no 12º Congresso Mundial.

Sofreu, entretanto, incompreensões e experimentou amarguras sem fim.

Corajosa e arrebatada, possuía elevado carácter, que a permitiu manter-se lutando tenazmente em defesa dos seus "filhos", enfrentando dificuldades compreensíveis e situações complexas. Mas, a batalhadora Eunice Weaver perde inesperadamente o esposo, rompendo-se o elo de luz que lhe sustentava o equilíbrio no labor de consolação e de misericórdia. Na ausência do sempre solícito esposo, a jornada a sós lhe é mais difícil. Amigos leais buscaram animá-la, confortando-a e encorajando-a para a luta, mas a ausência física do idolatrado companheiro, pungia fortemente.

Entretanto, em 1959, uma de suas amigas levou-a até Pedro Leopoldo para conhecer o médium Chico Xavier e, a mensagem de paz e optimismo transmitida pelo médium, deu-lhe forças para continuar. Ela, agora sentia que seu marido não a abandonara.

E, com garra, voltou a enfrentar todas as tarefas que a vida lhe impusera.

As viagens, contínuas e exaustivas, continuavam sustentadas pelo amor, feito de renúncia, pelos menos favorecidos - "Os filhos do Calvário" - marchando em direcção do amanhã ajudada por centenas de mulheres valorosas que ainda prosseguem inspiradas no seu imorredouro exemplo.

Sempre trabalhando, faleceu em 9 de Dezembro de 1969, aos 67 anos, como sempre vivera: dedicada ao próximo.

Transladado seu corpo para o Rio de Janeiro, foi sepultada no Cemitério dos Ingleses, ao lado do seu idolatrado esposo.

Seu trabalho missionário, entretanto, cresceu e prossegue no ministério do socorro e apoio aos hansenianos e suas famílias.

"Gigante como Eunice Weaver não morre; é como a vela: Se gasta no afã de servir, iluminando o caminho de alguém". *Rev. Manoel H. da Silva Mário Albino Martins - Coordenador do Educandário Carlos Chagas.*

Subsídios wikipédia e espirismogi.com.br

Pesquisa e composição de Carmo Vasconcelos

**A liberdade é a possibilidade do isolamento.
Se te é impossível viver só, nasceste escravo.**
Fernando Pessoa

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Nosso sítio

<http://www.eisfluencias.verbostrepitus.com/>

Contacto

eisfluencias@gmail.com

Conselho de Redacção

Abilio Pacheco (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)
Rosa Pena (Brasil)

Correspondentes

Alemanha - António da Cunha Duarte
Justo
Argentina - María Cristina Garay
Andrade
Bielorússia - Oleg Almeida
Brasil - Elizabeth Misciasci

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à directriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex
Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N° 10.994, DE 14 DE
DEZEMBRO DE 2004
Biblioteca Nacional
Brasil

ISSN 2177-5761

DISTINCIÓN A LA PERSONALIDAD DESTACADA DE LA CULTURA CELLISTA "SOL GABETTA"

Noviembre 2010 - Argentina
María Cristina Garay Andrade



Sol Gabetta nació en 1981 en la ciudad de Villa María (Provincia de Córdoba). Estudió cello, piano y canto en su provincia natal. A los 5 años empezó, con un pequeño cello, a destacarse como una niña prodigio, ganando el primer premio del Concurso para niños y Jóvenes de Córdoba. Siguió estudiando Buenos Aires, y luego recibió una beca para formarse en España, país al que se traslada junto a su familia a los doce años. Vivió en España, Francia y Alemania, donde continuó perfeccionándose. Su salto a la fama internacional se produjo en 2004, cuando recibe el prestigioso premio "Credit Suisse" al Mejor Joven Artista, en el Festival de Lucerna tocando como solista con la Orquesta Filarmónica de Viena. De allí en adelante obtuvo numerosos premios y actuó en distintas orquestas de varios países europeos. En el año 2005 creó su propio Festival de Música de Cámara en Olsberg (Suiza), al que llamó Solsberg. Actualmente es titular de una cátedra de instrumentos en la Academia de Basilea. Su agenda en el mundo comprende 200 conciertos por temporada y se cuenta entre los/as jóvenes instrumentistas más requeridos/as de la actualidad. Ha grabado numerosos álbumes y recibido premios.

La musicóloga Cecilia Scalisi, quien dijo de la cellista: "Ya desde su nombre se refleja el brillo de una personalidad deslumbrante, pronuncia al astro de la luz al tiempo que entona un bella nota musical. Tan radiante, y aún mucho más que ese luminoso nombre, es la propia Sol Gabetta, una de las instrumentistas jóvenes más exitosas y carismáticas de momento".

REVELACIÓN DE AMOR María Cristina Garay Andrade

Esta revelación de amor vertiente permanente
Fortaleza de mi ser que en devoción complaciente
Ahogo las ansias de tenerte en la espera celadora
Dominando el inquieto erotismo que me acalora

¿Por qué el amar incondicional a veces duele tanto?
¿Por qué termino siempre perdida por tus encantos?
Eres como manantial del río que continuo lega
Demandante exigencia de tu querer que me doblega

Que llama viva arde en encendidas horas
Aplacando la sed cuando con la mirada me devoras
Bañada de tus deseos lentamente me despojas
Haciendo de mis sentidos erizados lo que te antojas

Intensidad de besos acoplado mi cuerpo hace que aliente
Cálidas caricias en roce ardiente fluyendo frente a frente
El paraíso de tu ser cubriéndome imantado se apegas
Y con deleite entre tus brazos me pierdo en jadeante entrega

María Cristina Garay Andrade
Derechos Reservados de Autora
Monte Grande – Buenos Aires – Argentina

POR MI MENTE María Cristina Garay Andrade

Sólo cerrando los ojos puedo sentir el roce de tu piel
Tus palabras de amor por mi mente giran en carrusel
Estimulan obstinadas mi delirio por tus brazos apacibles
Cuando entregada a ti mi desnudez rodean impasibles

Me cubre tu presencia la noche acorrala deseos
Acunando lunas enciendo el fuego de los devaneos
Supuesto tiempo que imprevisto librado a la suerte
Ya no quiero despertar jamás de ese sueño de tenerte

Me ronda la esperanza con fantasía de anhelo
Quisiera disfrutarte siempre a mi lado y sin consuelo
Acaricio tu figura que imaginando ávida arrimaría
Esos contornos tuyos inventados por mi apego en agonía

Se priva el amor de embriagarse consentido
Me lleva a guardarlo insondablemente conmovido
Alejado tu sentir totalmente de mí lo vuelve inadvertido
El carrusel gira en un mañana invitándote al olvido

©María Cristina Garay Andrade©
Derechos Reservados de Autora
Monte Grande – Buenos Aires – Argentina



O Primeiro Amor

Questão é curiosa nesta Filosofia, qual seja mais precioso e de maiores quilates: se o primeiro amor, ou o segundo? Ao primeiro ninguém pode negar que é o primogênito do coração, o morgado dos afectos, a flor do desejo, e as primícias da vontade. Contudo, eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro é bisonho, o segundo é experimentado; o primeiro é aprendiz, o segundo é mestre: o primeiro pode ser ímpeto, o segundo não pode ser senão amor. Enfim, o segundo amor, porque é segundo, é confirmação e ratificação do primeiro, e por isso não simples amor, senão duplicado, e amor sobre amor. É verdade que o primeiro amor é o primogênito do coração; porém a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas não por isso o maior.

Padre Antônio Vieira, in "Sermões"



Poema – óleo s/tela – Marco Bastos

Luz dos teus olhos

sei do teu cio, pelos teus olhos opacos.
conheço quando explodes mãe-natureza.
a mata esconde o rio em seus buracos,
o seu manto não domina a correnteza.

verdes, brilho vivo de vivas esmeraldas,
olhos - roubaram céus - mares azuis reais.
refervidas rubras lavas, já águas caldas,
olhos-mestiços teus castanhos pedem mais.

chego mais perto e teus olhos me acendem.
se tu queres que me queimem, eu mais demoro.
sei que me decifras, sentes que te devoro.

assim nossos olhos na tenda se entendem.
- chama e óleo na noite seda em que desperto
sendo sede, ... cedo senda, eu sou deserto ...

Marco Bastos

*Membro do Conselho de Redacção da Revista **eisFluências**.
Engenheiro e professor universitário. Escreve poesias, crônicas e contos.
É pintor amador. Jurado em Concurso Internacional de Poetrix,
membro do Conselho de Redacção da Antologia Andradina – Prosa e Verso.
Poesias em cinco antologias brasileiras. Criador de Sites de Literatura e
verbete nas Enciclopédias Virtuais de Prosa e Poesia contemporâneas da
Blocos onLine. Salvador, Bahia/Br.*

Sobre as Academias de Letras Virtuais (Por Marco Bastos)

A Internet tem contribuído fortemente para o crescimento da literatura e para a democratização dos Espaços de cultura. Revistas como a nossa **eisFluências** vêm se tornando importantes alternativas para a divulgação de trabalhos que atingem nível de qualidade excelente. A sociedade ao dispor de veículo tão eficaz organiza-se para dar vazão à criatividade e à produção do conhecimento e do saber latentes em todos os cantos do Planeta. Temos acesso à grande e diversificada produção literária, cultural e científica mundial. Os sites, as revistas, os blogs, os grupos, os portais e as academias passam a refletir as escolas literárias, científicas, políticas, e a própria Escola direciona-se cada vez mais para a EAD – Educação à Distância. A tradicional Academia de Letras também adere à nova tecnologia para desempenhar os seus papéis na Sociedade. Como já previa na década de 80 a Terceira Onda de Alvin Toffler, o mundo atual é diversificado e desmassificado. Minorias e grupos diferenciados passam a ser representativos e encontram seus meios de inserção e atuação social. Nesse contexto a **Academia Feminina Espírito-santense de Letras** adapta-se à modernidade e estende o seu braço virtual, revitalizando a sua atuação.

Histórico da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras (por Silvana Soares Sampaio)

A estruturação da Academia Feminina Espírito Santense de Letras surgiu como uma necessidade histórica das mulheres capixabas, e também como reação à Academia Espírito Santense de Letras, que não aceitava a presença de mulheres em seus quadros.

A AFESL nasceu no pós guerra, numa época de intensa movimentação cultural no Espírito Santo, consolidando-se na década de 50 e início dos anos 60, vindo a recrudescer exatamente no período áureo da ditadura militar – quando todas as atividades culturais foram colocadas sob suspeita pelo regime.

Criada a 18 de Julho de 1949, sob patrocínio da Academia Espírito Santense de Letras, que não concordava com mulheres em seus quadros, mas, que apoiava uma instituição específica para mulheres, numa postura reveladora dos valores machistas que imperavam na época. A AFESL em sua fundação contou com 12 acadêmicas.

Atuou em vários eventos intelectuais durante a longa gestão de Annette de Castro Mattos como presidente. Apesar disso, apresentou vários períodos de recesso e completa inatividade.

Em sua fase inicial, a Academia Feminina Espírito Santense de Letras teve dois casos de censura, sendo impedidas de serem acadêmicas as escritoras Haydée Nicolussi e Carmélia Maria de Souza, por levarem uma vida boêmia e por serem ativistas políticas. Essa injustiça foi reparada, ao se efetuar a reorganização da AFEL, em 1992, quando as duas escritoras tornaram-se Patronas das cadeiras nº 6 e nº 30, respectivamente.

Após a sua reorganização pela Acadêmica Maria das Graças Neves, na década de 90, a AFESL vem desenvolvendo atividades mais constantes, sempre participando e promovendo eventos culturais no estado.

Hoje, a AFESL possui quarenta cadeiras, ocupadas por poetas e escritoras, capixabas por nascimento ou por adoção, além de dezesseis acadêmicas correspondentes espalhadas por diversas cidades brasileiras.

Na diretoria da AFESL a Prof. Dra Ester Abreu Vieira de Oliveira encontra-se em seu segundo mandato consecutivo e, Silvana Soares Sampaio assume, este ano, a vice- presidência.

As insígnias da AFESL são a capa cor de vinho com galões dourados e a medalha com o símbolo da AFESL gravado. Este símbolo é a Musa Clio, uma das nove filhas de Mnemósine e Zeus, que segundo a mitologia Grega eram todas voltadas para o fazer artístico.



Sendo a AFESL uma entidade que abriga escritoras dos mais diversos gêneros literários, curvamo-nos ao poder destas nove musas mulheres, como nós. E, muito a propósito, foi escolhida Clio, a historiadora, como nossa protetora que, no emblema da AFESL, porta um livro aberto, tendo em sua capa o desenho do mapa do Espírito Santo.

FUNDADORAS da AFESL

Anna (Annette) de Castro Mattos
Arlette da Silva Cypreste e Cypreste
Doralice de Oliveira Neves
Hilda Pessoa Prado
Ida Vervloet Finamore
Judith Leão Castello Ribeiro
Maria José Albuquerque de Oliveira
Maria Stella de Novaes
Sylvia Meirelles da Silva Santos
Virginia Gasparini Tamanini
Yamara Vellozo Soneghet Melchior
Zený Santos



ALGUMAS ATIVIDADES PROMOVIDAS PELA AFESL EM 2010



A AFESL reúne-se mensalmente e, nestas reuniões ocorrem palestra de convidados, principalmente pesquisadores na área da literatura. As reuniões são sempre abertas ao público.

A principal atividade da AFESL, este ano foi a realização do 1º Encontro de Escritoras Capixabas em comemoração ao Centenário do Dia Internacional da Mulher, ocorrido de 13 a 17 de abril, que contou com a presença de escritoras e de mulheres ilustres das mais diversas áreas profissionais como palestrantes, colaboradoras e participantes do evento. Durante o evento aconteceram momentos artísticos com música, declamações, performances, oficinas e palestras.

Em outubro foi lançada a 7ª Antologia publicada pela AFESL intitulada *Múltiplas Vozes*.

Além das atividades que envolvem todas as acadêmicas, muitas ações individuais ou em pequenos grupos em nome da AFESL foram realizadas, tais como palestras e comunicações em congressos e seminários, visitas a escolas, bibliotecas, parques, praças, Feiras Culturais e de Livros, presídios, dentre outros lugares, sempre com o objetivo de proporcionar atividades de incentivo à leitura e divulgação da literatura.

A AFESL também mantém um blog – <http://afesl-es.ning.com> administrado por acadêmicas, com mais de 200 membros, de diversas localidades brasileiras e de alguns países de língua latina, simpatizantes à instituição.

SINA

Maria do Carmo Schneider

Ultrapassei montanha
e esbarrei num grão de areia.
Astuta e hábil aranha,
Prendi-me em antiga teia.

Ah, pó! grãozinho estranho
que simboliza o meu carma...

Ah, fio! teia de sonho
que nem o tempo desarma...

(Acadêmica Maria do Carmo
Marino Schneider, cadeira nº37)

Fotos:

Clio
Acadêmicas
Edifício-Sede da Academia Espírito-Santense de Letras e
Academia Feminina E.S.L

NATAL

Maria Helena Teixeira

Nas festas de Natal do ano que finda,
Recordo meus brinquedos de criança,
No embalo da alegria vejo ainda
Deslumbramento em olhos de esperança.

No coração o bimbalar de um sino
Tocava alegremente mundo afora,
Festejando a alegria do destino
Sem negras noites. Era sempre aurora.

O riso que aflorava em meus caminhos
Fugiu atrás de tanto desencanto.
Levou-me as rosas, me deixou espinhos.

Já não é mais de hósanas o meu canto.
Solfejo a dor em solidão tardia.
Silêncio é meu disfarce de alegria.

(Acadêmica Maria **Helena Teixeira**
de Siqueira falecida em janeiro de
2010, atualmente patrona da cadeira nº40)



Irmãos de criação
Rosa Pena

Saudade e solidão
Coloridas com a mesma tinta
Distintas só pelas sombras
Que uma na outra pinta.

Fotografia !!!
Rosa Pena

A saudade se espalha
como a mancha de tinta.
No papel a cor se farta.
Se já sofro na quarta
como será na Quinta?

Nascente e foz
Rosa Pena
para John Lennon

Vida-transição-vida
Solta a voz!
Você permanece entre nós.

John Winston Lennon

(Liverpool, 9 de outubro de 1940 — Nova Iorque, 8 de dezembro de 1980), foi um músico, compositor, escritor e ativista em favor da paz)

Doce saudade
Angélica Teresa Almstadter

dos seus beijos vou sentir
uma bruta saudade
dos seus braços vou ficar orfã
e do seu corpo tão ousado
vou ter delírios quando desejar

iguaria como seus beijos
não há em confeitarias
nem similar para meu paladar
a prisão dos seus abraços
tem requintes de tortura e prazer
e não há outra que eu queira provar

quanto a procela do seu cavalgar
não vou apagar as marcas
que cicatrizam no meu corpo
para sempre me lembrar com apetite
da fome que elas saciaram

as lembranças contarão os segredos
que um dia eu tive medo
elas encherão de alegrias
os dias e noites em que a solidão
vier morar no meu peito

Rio desafinado
Rosa Pena
para Tom Jobim

Depois que você se foi, Ipanema deu uma envelhecida. A Nascimento Silva tomou ares de viúva. O bar Veloso mudou, acalmou, ficou quase preguiçoso. O sorriso da garota que vem e que passa perdeu um bocado da graça. A nossa alma ainda canta quando se chega ao aeroporto, não porque se deslumbra o Rio, mas por se ter mais um motivo para sussurrar seu nome. As águas que fechavam o verão caem agora o ano inteiro. Acho que choram de saudades, pois na realidade sem você, não há beleza é só tristeza.

Enfim, a cidade virou orquestra sem maestro.
Não basta só o som, se não se tem mais o Tom.

Antonio Carlos Brasileiro Jobim

(Nasceu em 25/1/1927 e faleceu em 8/12/1994)

www.rosapena.com



AINDA NÃO...
Humberto Rodrigues Neto

Ah... deixa-me ficar um pouco mais,
aconchegado aos teus ebúrneos braços,
a desfazer contigo meus cansaços
e a sussurrar-te airosos madrigais...

Não, eu não quero te deixar agora...
não é tão tarde pra deixar-te, oh, não...
vem à janela... vê que cerração...
que fria garoa enfrentarei lá fora...

Ah... não condenes em mim esse defeito
de as horas esquecer por teu carinho!
Ah... deixa-me ficar mais um pouquinho
abraçadinho assim... junto ao teu peito!

S.Paulo/Brasil

A ÚLTIMA NAMORADA
Humberto Rodrigues Neto

Já vem descendo sobre mim o outono
desta existência de gentis primores,
quando fui presa e ao mesmo tempo dono
de inesquecíveis e sutis amores!

Quantas premi de encontro aos lábios loucos,
num fervilhar de anseios e arrepios,
paixões que agora vão tornando, aos poucos,
meus dias de sol cinzentos e vazios!

Mas neste inverno de uma vida finda,
que me aproxima da eternal morada,
no anonimato eu sei que me ama ainda
a minha derradeira namorada!

O nosso amor secreto é uma benesse,
pois nunca teve algo em comum comigo;
dela só espero o mimo de uma prece
e o ramo de uma rosa em meu jazigo!

RESSSENTIMENTO, MÁGOA, MAUS PENSAMENTOS

Humberto Rodrigues Neto

Este texto tem o escopo precípuo de alertar os menos esclarecidos sobre o quão prejudiciais se tornam os ressentimentos, como também a mágoa ou um simples pensamento negativo que venhamos a dirigir contra quem quer que seja.

Sempre sublinhamos, em nossas palestras, que tais sentimentos funcionam como autênticos bumerangues, os quais retornam, infalivelmente, na direção de seus arremessadores.

Já dizia Lèon Denis que, quando os emitimos, forma-se ao redor do nosso perispírito uma espécie de campo escuro que afeta sensivelmente todas as nossas funções orgânicas, inclusive as do metabolismo basal, podendo originar uma série bastante apreciável de enfermidades.

Ademais, esse campo obscuro permanecerá conosco e não nos abandonará nem mesmo quando seguirmos para a outra dimensão, onde será percebido pela entidade espiritual encarregada de nos receber e orientar.

Concomitantemente, o fenômeno também gravará, no perispírito do ofendido, sentimentos de profunda aversão contra nós.

Se aquele a quem dirigimos tais sentimentos negativos for um espírito de pouca luz, ele irá buscar-nos em todos os cantos do outro plano até encontrar-nos, a fim de mover contra nós a mais tenaz obsessão.

Esse campo negativo, todavia, pode ser atenuado ainda em vida, a partir do momento em que peçamos e consigamos, do ofendido, o perdão pela falta cometida e o incluamos em nossas orações de fim-de-noite.

É por isso que Jesus dizia: "Reconcilia-te com teu inimigo enquanto estás a caminho" - ou seja, volta às pazes com ele enquanto estejam ambos encarnados, porquanto um ajuste de contas, já como espíritos, será muito mais difícil.

Portanto, mesmo que tenhamos absoluta certeza de que a culpa pela inimizade é inteiramente do outro, ainda assim é vantagem nos colocarmos na posição de réu e pedir-lhe desculpas, por mais que essa atitude nos pareça injusta e até humilhante.

Essa é a atitude que sempre recomendamos a todos os aprendizes dos cursos que, humildemente, mas pela graça de Deus, ministramos sobre a Doutrina.

"Guardar ressentimento é como tomar veneno e esperar que o outro morra". William Shakespeare (1564-1616).



TÁXI, TÁXI!!!
Marcelo Sguassábia

- Pra onde?
- Pro inferno. Vai pro inferno, meu camarada. Toca em frente, infeliz, no caminho a gente resolve.
- Olha, seria bacana o senhor me tratar com um pouco mais de finesse, caso contrário eu deixo vocês aqui mesmo. Quero ver os dois peladões, a polícia chegando e levando o caszinho meigo pro distrito por atentado ao pudor. Aliás, o que é que vocês estavam fazendo assim, nuzinhos, em plena Consolação chamando táxi?
- Você se lembra se a maçã era fuji, argentina ou gala, amor?
- Se você que pegou a maçã não sabe, eu é que vou saber? Mulher se liga em cada detalhe, que diferença isso faz agora? Vai se queixar pro Ceagesp ou pro Ceasa? Agora é tarde, minha nega. Já estamos expulsos mesmo.
- Mas o que aconteceu, meu Deus do céu?
- Pois foi o Deus do céu, foi esse mesmo, moço. Acabamos de cair fora do paraíso, ordem de despejo.
- Sei, mas foram expulsos do bairro ou da estação do metrô?
- Não, do paraíso mesmo, meu amigo. Imagina só, a única coisa que o Homão barbudo pediu era pra gente ficar longe daquela maldita árvore. Mas sabe como é mulher, né? Podia ter pego uma jaca, um maracujá, uma meia dúzia de limas da pérsia, chafurdado a fuça numa melancia, sei lá, qualquer coisa daquele pomar lindo, menos a maçã. Ela devia ser expulsa sozinha, a culpa foi dela, caramba.
- Tá bom, e a mordida que você deu? Devia ter recusado quando te ofereci. Aquela serpente era uma víbora, enganou a gente direitinho.
- Agora quero ver o que a gente faz da vida. Você, nuazinha e inteirinha desse jeito, não demora e arruma um dinheiro fácil. Mas e eu, que não sou nenhum Adônis? Como é que eu fico?
- Adônis? Quem é Adônis, Adãozinho?
- Olha, em briga de marido e mulher ninguém mete a colher, e eu sou só um taxista querendo ganhar a vida honestamente, mas pelo jeito vocês são Adão e Eva. Portanto viveram muito antes desse mitológico rapaz grego, um modelão de beleza – se é que ele existiu de verdade. A Dona Eva tá certa, não tem como vocês terem conhecido ele, não. Aliás, ele é descendente de vocês. E eu também, diga-se de passagem. Somos todos filhos de Caim com não sei quem.
- Moço, explica melhor essa história. Agora bagunçou minha cabeça. Caim é o nosso filhinho!
- É o seguinte: segundo a Bíblia, que começa contando a história de vocês, seu filho Caim matou seu outro filho, o Abel. Sujeito cem por cento, maior ficha limpa. E pra humanidade ter continuado o Caim precisava ter tido uma mulher, que até onde eu sei não consta do Livro Sagrado. A menos que vocês dois tivessem aumentado a prole fora do Jardim do Éden, fato que a Escritura também não deixou claro.
- Aumentado a prole? Acho que não vai ter clima...
- Também acho. A base do casamento é a confiança, e você traiu a minha e a do Criador.
- Dá licença aí, desculpa interromper a troca de gentilezas, mas vou aproveitar que o sinal fechou pra deixar vocês por aqui, viu. Pelado não tem bolso, e onde é que tá a grana da corrida? Alguém pode me mostrar? E já vou avisando que não aceito maçã como pagamento. Ainda mais essa maçã amaldiçoada aí que vocês pegaram.
- Mais respeito, seu taxista. Mais respeito. Não se esqueça que eu sou seu avô, avô distante mas sou.
- Mas avô que se preza não sacaneia o neto.
- Ora, vamos. Seja um netinho obediente. Vou começar a espalhar meu currículo, logo consigo uma colocação e pago o que lhe devo.
- Sei, sei. Se você conseguiu ser expulso do paraíso, imagina de uma empresa...
- Mas já falei, a culpa foi da sua avó!
- Pra fora os dois. Já!
- Neto ingrato. Mas deixa estar. Deus é pai. O Homão barbudo há de fazer justiça.
- Essa é boa, Eva e Adão...
- Repete o que você disse! Repete, seu boca suja!!

Do nosso correspondente, Oleg Almeida



FOTO: Palácio do Governo em Minsk, capital da Bielorrússia

Eis-me aqui, amáveis leitores, para compartilhar convosco uma notícia interessante. No próximo dia 19 de dezembro, o povo bielorrusso elegerá seu novo Chefe de Estado.

O voto não é obrigatório na Bielorrússia, ao invés do Brasil, mas ainda assim, o entusiasmo dos votantes está bem acima da média.

Vários candidatos vão participar da eleição, tendo o atual presidente, Alexandre Lukachenko, as maiores chances de ganhá-la.

E não se trata, neste caso concreto, de nenhuma armação maquiavélica!

Boa parte dos bielorrussos realmente gosta do líder, que conseguiu estabilizar a economia abalada, no início da década de 90, pelo colapso da União Soviética, e dá-lhe toda a confiança. Recorrendo às analogias históricas, pode-se dizer que o governo de Lukachenko se parece com o de Getúlio Vargas em seu segundo mandato: força do poder e atenção à problemática social.

E agora deixemos a questão política de lado... Ultimamente tenho lido diversas obras de autores brasileiros e portugueses para montar a minha antologia virtual “Stéphanos”. Dia destes, fiquei tão impressionado com uma dessas obras que decidi resenhá-la.

Não vou mais lavar os pratos por Cristiane Sobral. Athalaia: Brasília, 2010.

Que título desafiador – penso eu, com o livro de Cristiane Sobral em mãos. – O que será: mais um manifesto feminista, que veio abalar os pilares do machismo global, ou tão somente o desabafo de uma dona de casa exasperada com a rotina do lar? Abro o livro, meio cético, e tropeço nas primeiras palavras lidas: “Não vou mais lavar os pratos / Nem vou limpar a poeira dos móveis. / Sinto muito. / Comecei a ler...” A curiosidade me invade, imperiosa, e, à medida que vou folheando as páginas, desdobra-se ante meus olhos um monólogo sóbrio, sincero e comovente da mulher moderna, uma daquelas mulheres que têm objetivos a alcançar e, mais que isso, sonhos a realizar. “Sonho a gente não aborta”, como diz a própria Cristiane. Sonho de amar e ser amada, de ter filhos, de construir uma casa sólida e aconchegante, de lograr êxito na esfera profissional; enfim, sonho de levar uma vida que não se limite a “carregar, de forma esquizofrênica, sua pasta executiva”, e seja, portanto, feliz em todas as suas dimensões. E o único modo de tornar esse sonho possível consiste em lutar por ele, agarrá-lo com unhas e dentes, revelar-se, mesmo em detrimento de sua natureza feminina, uma verdadeira guerreira Nzinga do poema homônimo, “rainha digna de exaltação”. Assim sendo, a proposta literária de Cristiane parece trivial: que mulher não queria, nos dias de hoje, conquistar seu espaço inalienável neste mundo criado e governado por homens sem, todavia, depender de nenhum deles? Parece, mas não é! A poetisa tem suas armas para combater os presumíveis clichês do conteúdo, e usa-as com muita habilidade.

Antes de tudo, Cristiane Sobral é irônica. Ela não se contenta com meras reproduções da realidade, mas interpreta diversas facetas desta sob a mesma ótica desprovida de qualquer pieguice. A solidão intrínseca dos habitantes de uma metrópole – seja o exuberante Rio de Janeiro, em que a autora nasceu, ou a geométrica Brasília, onde mora atualmente – (*Eva*), a miséria coletiva que passa de geração em geração, dando início às explosões da violência urbana (*Carma*), os múltiplos e inextirpáveis preconceitos da sociedade consumista (*Algodão Black Power*) – nada escapa desse olhar penetrante e amargurado de quem conhece a vida tal como ela é. Até um beijo de língua a misturar os efêmeros sabores luso e francês num metafórico *Porto 6* deixa o campo das convenções eróticas para integrar o quadro ludicamente ambíguo de nosso cotidiano. E aí me recordo da máxima de Heinrich Heine: não sei onde termina a ironia e começa o céu! Cristiane faz alusões, distribui piscadelas, provoca o leitor, brinca com ele e sempre o deixa numa dúvida cruel: é essa a nossa civilização, é desse jeito nós todos vivemos?

A poesia de Cristiane Sobral tem outro aspecto de igual importância: a negritude. Essa vertente artística, que remonta às obras do mítico senegalês Léopold Senghor e do grande haitiano René Depestre, muitas vezes fica à margem da cultura oficial brasileira. A poetisa define-a como “um quarto escuro (...) onde ninguém quer entrar” (*Cuidado*), e, ao juntar-se ao imenso coro dos partidários da negritude, a voz dela se destaca tanto pela singularidade da entonação lírica como pelo trágico realismo de suas canções. A afrodescendência não se associa, para ela, à cor da pele, mas sim – e principalmente! – à identidade histórica e cultural. Senzala, pixaim, banzo, capitão do mato e outros espectros, que Cristiane evoca nos seus poemas mais incisivos, não são reminiscências do passado remoto e esquecido, mas pormenores chocantes da atualidade atávica. “Ainda não somos livres!” – exclama ela com indignação (*Ainda?*) e conclui, melancólica: “... depois de tanto tempo!”

Aliás, seria injusto reduzir o mundo poético de Cristiane Sobral ao feminismo e à africanidade. Há nele motivos sentimentais e satíricos, há lágrimas e sorrisos, há males descritos e remédios prescritos. Ao esboçar o retrato espiritual da mulher brasileira e tocar na melindrosa questão racial, a poetisa está prestes a ir muito além desses próximos horizontes. Aonde? É o tempo que nos dirá isso.

Finalizando, aproveito a ocasião para desejar-vos, meus caros leitores, Feliz Natal e Próspero Ano Novo. Muita paz e felicidade para todos vós, e que as boas magias do amor humano vos acompanhem por toda parte, nesse ano de 2011. Como diz a sagacidade francesa: *Au gui l'An neuf!*

Oleg Almeida

<http://www.olegalmeida.com/>



MISÉRIA HUMANA

Jorge Cortás Sader Filho

As cartas de Van Gogh ao seu irmão Theo e o depoimento deste, não deixam dúvida. Pouco antes de morrer, Vincent disse que “la misère ne finira jamais”.

Mais uma conclusão do pintor que revolucionou a arte.

Vincent não afirmou que a miséria monetária do homem não teria fim. Seu alcance foi bem mais longo. Ele sabia que a miséria humana não tem fim, sentiu esta verdade dentro de sua alma. O homem sofre, é uma condição da vida.

Sentiu ao longo da sua existência que o fato é verdadeiro, embora tenha sido um doente. Da sua doença surgiram os mais belos quadros e sobretudo expressivos que conhecemos. Além de mestre nas tintas, compreendia bem a vida. Não fosse assim, não conseguiria transmitir a emoção que quis e conseguiu passar para a Humanidade.

São pinturas expressivas aos extremos, ora tristes e igualmente de uma beleza incomum. O par de botas, o quarto do pintor, ele mesmo com a orelha decepada por um corte de navalha, fruto de uma briga com o seu contemporâneo Gauguin, tudo isto importa numa visão de vida exterior e interior muito grande.

O homem nasce sozinho, vive sozinho e morre sozinho, a despeito do que queremos crer. Por mais amor que o cerque, sua existência é solitária.

Foi isto que o mestre concluiu e viveu.

Seus campos, seus trigais. As cenas humanas retratadas mostram um homem que conhece suas limitações e misérias.

Mostram igualmente a grandiosidade de um homem que mesmo sabendo nada, soube transmitir o tudo...

É verdade que a Vida está cheia de lados negros. Mas o melhor é vivermos com todas as felicidades que ela nos oferece.

A começar pelo amor. Tem tanta coisa...

Jorge Cortás Sader Filho

<http://aduraregradojogo24x7.blogspot.com/>

CORAÇÃO ABERTO

Como se rainha fosse
Entrou sem pedir licença
No meu coração postou-se
Sem nenhuma desavença.

Deixo ficar; não me esquivo
E se nele pediu abrigo,
Foi por seu desejo ativo
Este coração mui amigo.

Fique! O bem que me traz
Tudo compensa feliz!
Eu muito gosto e me apraz.

Coração outro procura,
Isto toda a gente o diz,
Some, vai toda a amargura.

Jorge Cortás Sader Filho

Certeza

Sempre que ela passa
Olhos mirando você,
Ela está fazendo graça
Só quem é cego não vê.

Jorge Cortás Sader Filho

SUAVE

(Tanka)

Brilhante este mar
Lindo e calmo de pasmar
E bom para amar.

Corações ficam sorrindo,
Tantas flores vão-se abrindo."

OS OLHOS DA AMADA

(Tanka)

Os olhos da amada
são na cor esverdeada
tranquila enseada.

Água límpida e abrigada
transformo minha morada.

LÁGRIMAS NA ROSA

(Tanka)

Gota de sereno
que brilhando esplendorosa
lágrima na rosa!
Pois todo o campo chora
é quando desperta a aurora...

Jorge Cortás Sader Filho



PENSAMENTO

Nós temos cinco sentidos:
são dois pares e meio de asas.
- Como quereis o equilíbrio?

David Mourão Ferreira
(Escritor e Poeta português)

A Culpa é da Bebida©
Por: Elizabeth Misciasci

Com os olhos voltados a mesa de jantar, Rosane não reage diante da notícia transmitida há pouco pelo noticiário local. O semblante cansado, também denota a irritação para com o ilimitado e contínuo descaso do marido.

Porém, antes que alguma voz quebrasse o profundo silêncio, Paulo Afonso deixa cair sobre a mesa, o copo, com dois dedos de aguardente e sem compostura, se entrega a uma escancarada gargalhada.

Rosane, tensa, procura disfarçar o rubro da face diante do casal de amigos, que sem cerimônias, desconversam, enquanto trêmula, ela providencia a troca do prato e dos talheres.

Indiferente a qualquer manifestação, Paulo Afonso se levanta e segue em direção à cantoneira, onde esta uma garrafa de Ballantines 30 Years Old, sem hesitar, se serve de uma dose generosa de Uísque.

Com a tolerância por um fio, Rosane o fita revoltada, pronta para descarrilar seu repúdio, mas logo é interceptada por Carmem que desvia sua atenção para o saboroso filé com molho madeira, servido minutos antes.

Enquanto nasce um novo assunto que acaba por entreter as amigas, Paulo Afonso, sem ninguém para acompanhá-lo, se embebeda, na mistura das bebidas expostas, tornando-se uma desagradável presença.

Todos procuram manter o bom nível das relações em respeito e consideração à anfitriã, que se desdobrou entre os preparativos, a fim de promover um lindo jantar de comemoração pelos quinze anos de casamento.

Tentando seguir a sua programação, tão cuidadosamente planejada para a data festiva, Rosane alerta Paulo Afonso, que a sobremesa será servida, juntamente com a coqueluche da festa, o bolo dos enamorados. Porém, a despeito de seus cuidados, o marido embriagado, ignora a data, a mulher e os presentes, erguendo o copo do nada saúda seu time de futebol.

Naquele momento sem nexos, Paulo Afonso percebe a falta de reação dos convidados e como se estivesse cheio de razão, chama a atenção da mulher:

-Que é isso preta? Você não vai brindar comigo?

Rosane visivelmente chateada pede licença aos presentes e vai para a cozinha. Inconformado, o marido a segue e completamente desorientado, grita:

-Não está ouvindo? - É com você que eu falo! - Complementa.

-O que é isso Paulo Afonso, pelo menos hoje, você poderia ter se policiado.

-O que você quer dizer com policiado? - Questiona.

-Poderia não ter bebido, ou pelo menos não exagerado e misturado tanta porcária.

-Porcaria? - Aonde tem porcária? - Se tem alguma porcária aqui é você! - Argumenta já em alto tom.

-Vamos parar por aqui, você está começando a gritar e nossos convidados estão na sala, hoje era pra ser uma noite especial, não vou discutir mais! - Lamenta Rosane, que enxuga as lágrimas e se vira para retornar a sala.

Sem aceitar o fim da conversa, Paulo Afonso insiste em discutir, mas é ignorado, então puxa Rosane pelo braço e ao pé do ouvido alerta em tom de ameaça:

-Escuta que eu estou falando com você... Não me deixe mais irritado, senão te quebro inteira sua insignificante.

Rosane solta à mão que a segura e tentando ser paciente ainda pede com jeito para que o marido tenha consideração, pelo menos diante das visitas. No entanto, interpretada de forma avessa pelo companheiro totalmente irracional, acreditando estar sendo desrespeitado provoca neste uma transformação imediata.

Segurando seu rosto, aperta sua mandíbula berrando palavrões e ameaças.

Já sem ter como driblar a situação, Rosane tenta em vão se esquivar, enquanto Paulo Afonso com olhar vidrado, lhe aperta ainda mais a face.

No outro cômodo, os amigos que tudo ouve, se comunicam gesticulando, sem saberem qual a postura correta a ser tomada, levando em conta a alta dosagem alcoólica de Paulo Afonso e relevando que afinal é uma discussão de casal, sem razão e sem sentido.

Mesmo com a tensão predominante do ambiente, continuam apenas como ouvintes, acreditando que o desacerto é meramente em função da embriaguez e que mais uns minutinhos, tudo volta ao normal, assim, permanecem mudos e inertes.

Mas para o marido de Rosane, há razões e motivos diversos para que não finde um atrito gerado do nada, afinal, distante da lógica e com pensamento atordoado e confuso, mal sabia onde estava e o porquê de tamanho atrito.

As discussões com a mulher eram freqüentes, contudo no mais puro anonimato, brigas isoladas e choradas as escondidas, sem maiores conseqüências. Isso, em razão da necessidade extrema de se alcoolizar. Sem controle no consumo, eram costumeiros os acessos de ira e quebra-quebra, que logo se apagavam com uma boa dormida.

Talvez por esta razão, Rosane mantinha as aparências e se sujeitava à sorte, acreditava que a mudança de comportamento do marido era algo controlável e por ser na discrição do lar, inexistiam motivos para torná-lo de conhecimento alheio ou passar adiante essa saga, já que haviam se tornado cenas rápidas e rotineiras. Mesmo porque, pra ela, a culpa era tão somente da bebida.

Mantendo o equilíbrio, temendo estender aquela situação constrangedora, Rosane permaneceu à mercê das mãos do marido, que com uma força descomunal vez ou outra lhe aperta brutalmente as partes mais salientes da face.

A cada grito, ela balançava de forma afirmativa a cabeça, como se concordasse com cada prolação, obediência era a chave da futura calma... Não se tratava de submissão, em sua opinião e por experiências constantes, sabia que rebater, por mais natural que fosse não era aquele o momento.

Permaneceram naquela constrangedora situação por aproximados quinze minutos, foi quando Paulo Afonso, sentindo-se dono de uma verdade inexistente e absurdamente criada do nada, com os olhos esbugalhados e a baba caindo, abriu um sorriso aparentemente doentio, como se tudo estivesse perfeitamente normal, retornando à sala.

O casal de amigos, tolhidos e sem esboçar reações, ocultaram o mal estar, retomando ares de uma receptividade distante, num assunto qualquer. Em seguida, Rosane adentra o ambiente, visivelmente envergonhada, com as marcas dos dedos do marido estampados em feridas no rosto, esboçando aparência de quem está totalmente sem graça e infeliz. Contudo, ela não aceita opiniões, pensando que é apenas uma fraqueza do marido diante da dependência alcoólica.

Sendo a culpa da bebida, não vislumbra maiores conseqüências. E, acreditando estar nela, apenas nela à superação deste drama, não admite ajuda.

Sem muito que contestar, uma vez que não se permitiram sugestões, os convidados anteciparam a ida, não havia razão para experimentar o bolo enamorado, já que entre tantos, Paulo Afonso adormeceu profundamente na cadeira de balanços. Rosane não os detém, nem tenta explicar o inexplicável, afinal, ser feliz a "sua moda" é o que importa... Então, acompanhando-os até a porta, com um sorriso de quem já esta refeita, exclama:- A culpa é da bebida!

Depois, abraça cada um demoradamente, limitando sua vida, ao marido e a aguardente.

*Elizabeth Misciasci

<http://www.eunanet.net/beth/index.php>

<http://www.revistazap.org>



INSTANTE NOTURNO

Os olhos em um frenesi exagerado
engole a noite fria
sussurros mesquinhos na escuridão
estômago no deleite de um pão
são sonhos os fatos
a cama para dormir
é a dureza da vida
de um chão sujo
batido e mau cimentado
lençóis são as notícias dos burgueses
esparças em folhas de papéis qualquer
são letras estranhas no pesadelo noturno
esperanças estão nas estações medíocres
que reguia o corpo para qualquer lugar
balbuciando palavras diversas
como quem reza pela boca faminta
pedindo quem sabe água e pão
para saciar a sede e matar a fome

Airton Souza nasceu em Marabá em 1982. É acadêmico de História da Faculdade Metropolitana de Marabá e de Letras da Universidade Federal do Pará, publicou de forma artesanal em 2009 o seu primeiro livro de poemas denominado *Incultações Noturnas*, é participante de várias antologias nacionais inclusive da *Antologia Literária Cidade* no Vol. II, V e VI e de várias Antologias publicadas pelo CBJE.

Blog: www.airtonsouza.blogspot.com - www.airtonmaraba.blogspot.com



Chuva

Vem forte
Traz o vento,
Teus cheiros
Teus sons.
És linda caindo,
Levando, lavando
Gostando de ser assim.
Quando cessa é triste
Faz o sono passar
Faz secar os olhos
E a nuvem se desfaz.
Cai, siga seu curso
E volte caindo outra vez.
Venha com o aroma
De cada gota
E junte-se ao olhar perdido
Como tantos dilúvios
Ao qual não podemos conter
Quando acontecem
Dentro de cada ser.

Silvana Sousa Barros, natural de Bragança (PA), reside em Belém, psicóloga. Possui publicações em Antologias, entre elas a *Antologia Literária Cidade* e algumas outorgas em concursos. O presente poema foi premiado no Prêmio LiteraCidade – 1ª Edição e faz parte de seu livro-solo: *“Íntimos e Diáfanos”*, a ser lançado pela Editora LiteraCidade em Abril de 2011.
Email para contato: silvanasbarros@hotmail.com

Divulgação de Abílio Pacheco - www.abiliopacheco.com.br

*Uma chamada para a AGENDA LITERÁRIA - ver mais em: <http://antologiacidade.wordpress.com/outras-acoas/agenda2011/>

FRASES SOLTAS

O verdadeiro analfabeto é aquele que aprendeu a ler e não lê
Mário Quintana.

O poeta é um ser que lambe as palavras e depois se alucina
Manoel de Barros.

Acho a televisão muito educativa. Toda as vezes que alguém liga o aparelho, vou para outra sala e leio um livro
Groucho Marx

Vitor de Vasconcellos Figueiredo

Homenagem Póstuma



Vitor de Vasconcellos Figueiredo
Lisboa/Natal 2009

Vítor Manuel Fernandes de Vasconcelos Figueiredo, escritor, poeta, romancista, cronista, místico e conferencista, nasceu em Lisboa em 3 de Setembro de 1931 e faleceu em Faro, em 31 de Outubro de 2010.

O cumprimento do serviço militar, iniciado em Lisboa, levou-o para Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel – Açores, e depois para Goa, no antigo Estado Português da Índia. A sua paixão pela Índia levou-o a permanecer em Goa, como funcionário público, voltando quase sete anos mais tarde a Portugal. Colocado no então Ministério do Ultramar, em Lisboa, trabalhou ali cerca de dois anos, sendo, então, colocado em Luanda – Angola. Viveu naquela ex-Província Ultramarina até 1975, ano em que regressou a Portugal e emigrou para o Brasil. Ali, viveu em Curitiba – Paraná, trabalhando na Grande Loja dos Países de Língua Portuguesa da Antiga e Mística Ordem RosaCruz – AMORC, de antiquíssima tradição, fundamentada no Egipto antigo, regressando 12 anos depois a Portugal.

Na sua qualidade de assessor que foi dos três Grandes Oficiais daquela Ordem, na chefia de vários departamentos, e como membro desde 1972 da Grande Loja da França – AMORC e desde 1975 da Grande Loja do Brasil, participou e colaborou exaustivamente na Convenção Internacional em Curitiba, em 1975, e noutras convenções, naquela cidade e no Rio de Janeiro. Participou ainda de muitos Conclaves Rosacruzes nas Lojas de Curitiba e Lisboa, e prestou colaboração em diversas outras actividades da Loja e da Grande Loja em Curitiba, como membro e

funcionário da Ordem. Entre várias funções que desempenhou naquela Organização, desenvolveu intensa actividade em Publicidade, Marketing e Relações Públicas, destacando-se como conferencista e fazendo Palestras semanais do foro espiritualista e esotérico sobre controlo Mental, Aura Humana, Poder da Mente, expansão e divulgação da Amorc, etc.

Em decorrência das suas actividades de carácter profissional, o autor fez vários cursos especializados em S. Paulo – Brasil.

Ainda em Curitiba, e já numa actividade particular, criou um espaço esotérico – o KHEOPS – Círculo de Difusão do Conhecimento Humano – dando cursos de Auto-Ajuda, de Controlo e Criação Mental, Aura Humana, etc., e orientando e aconselhando literatura do Foro Espiritualista, Esotérico e Místico, e também assistindo e tratando pessoas em sessões de Cromo terapia, de relaxamento com pirâmides, etc.

Vocacionado desde a adolescência para a literatura, a Psicologia, a Filosofia e a Física Quântica, o autor publicou alguns contos e poemas em Jornais Portugueses, assim como, anos mais tarde, em Revistas e Jornais de Angola. Foi colaborador também da redacção do Jornal literário “Alvorada”, em Lisboa, e do Jornal “A Palavra”, em Luanda. Colaborou ainda com trabalhos especializados e publicados pela Ordem Rosa cruz – AMORC, no Brasil, sobre expansão da Organização e Psicologia/Misticismo, mormente com o Ensaio “O Homem e a Mente”. Tendo cedido os direitos autorais para o Brasil à referida Ordem, esta editou a primeira parte deste ensaio num livrete para os seus membros, conjuntamente com outros, titulados como “Série N de Discursos”. Do mesmo modo, a segunda parte foi editada, pelo seu carácter esotérico, apenas para leitura nas “Convocações” (rituais) dos Templos que a Grande Loja dos Países de Língua Portuguesa superintende no Brasil e em Portugal, denominados Lojas, Capítulos e “Pronaoi”.

Este Ensaio deu origem a duas palestras que o autor fez no Grupo Ecos da Poesia, do MSN da Net, com perguntas e respostas sobre o tema, e que ali está publicado.

Fez também várias palestras em alguns grupos do IRC, na NET, baseados nos 43 artigos do foro místico, esotérico e espiritualista que publicou no Jornal do Incrível, em Lisboa, em 1987/88.

Participou em vários Jogos Florais, com contos e poemas, obtendo vários prémios e menções honrosas.

Obras do autor:

Um volume de poemas – “Memórias do Amor Impossível”. Um dos poemas do livro obteve o 2º. Prémio e outros três foram distinguidos com Menções Honrosas nos Jogos Florais do Banco Nacional Ultramarino, em 1995.

2. Um Livro de Contos – “Primeira Carta a Dília e Outras Histórias”. Algumas das histórias deste livro foram premiadas nos referidos Jogos Florais do BNU com o 1º., 2º. e 3º., prémios, este último ex-aequo, e uma Menção Honrosa. Um dos Contos – “Evocação de Uma Tarde de Amor Numa Praia Sem Ar Condicionado” – ganhou também uma Menção Honrosa do Júri na modalidade de Prosa nos “II Jogos Florais Irene Lisboa”, organizado pela Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, em Abril de 1999.

É uma colectânea de contos, cartas e escritos, seleccionada pelo autor entre várias histórias escritas em diversos lugares, ao longo de alguns anos, em sua maioria inéditas, e subordinadas, de modo geral, ao Amor.

3. Um Romance – “A Trajectória do Impensável” - Memórias de Um Sobrevivente da Índia, Angola, Brasil e Portugal – Vol. I – “A Invasão e Ocupação do Estado Português da Índia em 1961” O romance foi publicado no Grupo Ecos da Poesia (agora extinto)

4. Participação com 4 trabalhos na 2.ª Antologia “Dois Povos – Um Destino” na parceria do Ecos da Poesia/Abrali, editada em Janeiro 2006.

O autor vinha preparando um outro livro, desde há alguns anos. Uma obra de maior fôlego e diferente temática, à qual dedicava mais interesse e que intitulou de “OS FIOS DOURADOS”. Trata-se de uma colectânea de cartas trocadas com várias correspondentes brasileiras sobre temas esotéricos e místicos, e na qual inclui vários dos 43 artigos que publicou também na Secção de Correspondência, no “Jornal do Incrível” – criada pelo autor e intitulada “A Vista da Pirâmide”, em 1987 e 1988, já anteriormente citados. (obra incompleta)

ENSAIOS:

“O Sorriso do Gato” – Ensaio sobre a Alma;

“A Aura, Essa Desconhecida” – Uma Abordagem Científica e Metafísica;

“O Homem e a Mente” – Uma abordagem Psicológica e Esotérica.

Pretendia o autor editar também em Portugal este Ensaio, como anteriormente já referido, publicado no Brasil.

Destas obras, as seguintes encontram-se editadas em e-Book's, que poderão ser lidos em:
http://www.delnerobookstore.com/bibliotecas_virtuais/vitor_de_figueiredo/index.htm

Memórias do Amor Impossível" – Poemas
 "A Aura, Essa Desconhecida" – Ensaio
 "Primeira Carta a Dília e Outras Histórias" – Contos
 "A Trajectória do Impensável" – Romance - 2 Vol. - 1ª e 2ª Parte
 "O Homem e a Mente" – Ensaio
 "A Vista da Pirâmide" – Artigos – 2 Vol. - 1ª e 2ª Parte

Breve apontamento da sua Poesia:

NOITE SEM TI **Vitor de Figueiredo**

(outra noite sem ti...)

"Faz da tua dor um Poema"
 (Goethe)

Ando a esgatanhar a noite
 com dedos gastos nas feridas
 que supuram nas ruínas
 desta procura de tudo ...

E em tudo isto misturo
 teus olhos adormecidos
 indiferentes ao conteúdo
 que se esvai das minhas mãos
 e é toda a tragédia mole
 de procurar por aí
 em horas de gritos roucos
 a coerente ternura
 de possuir toda a gente
 neste esqueleto dorido.

Gritos de ferir a noite,
 de acusá-la do fracasso
 que se enrola na garganta
 como cancros já antigos.

Dedos sujo de fingir,
 Gritos malditos de querer
 tocar na pele dos sorrisos
 e nos lábios inquietos
 de tanta mulher dispersa.

É talvez tudo loucura
 neste poema sem ti,
 Por que não estás nesta noite
 e a dor é demasiada ...

Eis um poema cruel
 que dói o ódio de existir
 em noites de blasfémia
 contra sentimentos podres
 de sexo, tédio, e a amargura
 de estares do lado da ponte
 que fecha no pôr-do-sol
 e deixa a ranger na noite
 a certeza de que dormes
 esperanças e amanhã.

E eu, só, me enrolo na noite
 em túnicas absolutas
 e capuzes cor de bruma;
 rígida a boca no frio,
 olhos a velar ausência
 no desespero de saber
 que já nunca terei olhos
 para alcançar horizontes
 que vão além destes versos.

Para ti ainda há caminho
 e sangue vivo, consentindo
 latitudes virginais,
 desejos desconhecidos,
 noites enormes sem horas.

Mas a mim o corpo dói-me
 pecados
 (nem sei quais são ...),
 torpes espasmos, cansadas garras
 de agarrar seios como afogados,
 tábuas fugidias de salvação,
 portas abertas que se fecharam,
 tudo me dói
 como navalhas no coração,
 visco, cabelos
 de coisas mortas
 em cada mão.

Ri-me velhice nos dentes
 Escorbuto e dores esquisitas...

Nesta noite de sentença,
 "Marginal" húmida,
 luzes mortiças,
 acenando prazer
 no "Calhambeque",
 bâton "Lancôme" ...
 e nenhuma daquelas túnicas
 de seda vermelha é tua
 em frente ao Hotel Universo
 - já são três da manhã ...

E tu distante,
 comodamente quentinha
 na madrugada de "cacimbo"
 e eu a gritar, rouco, com dedos gastos
 esgatanhando a noite indiferente,
 a noite sem ti!

LUANDA/1971

(Do Livro Memórias do Amor Impossível – Poemas)
 (Direitos autorais registados nos termos legais para
 Portugal e Brasil)
<http://akhnaton.spaces.live.com/>



Baía de Luanda

A sua última tentativa de Poema, 1 semana antes da sua transição:

Onde tudo acontece ao começo dos dias
Vitor de Figueiredo

Quando se ama
se espera
se espera apenas
e assim se fixa.
E no absurdo se esgota a própria vida.
São as coisas...

Faro/Portugal
23/10/2010

“Seu percurso pode resumir-se a uma existência intensamente vivida na busca do conhecimento de si mesmo desde a adolescência. Praticando o amor possível que sempre procurou e muitos anos emigrado da terra natal, assegurou a sua descendência, já plantou algumas árvores, tentou o cultivo da fraternidade e do amor ao próximo e, provavelmente, com alguma coerência consigo mesmo, tinha de exprimir-se através da literatura.

E em seus escritos colocou mais as emoções da sua vivência do que talento ficcionista, com alguma imaginação e a experiência interior sofrida nos caminhos do amor e da vida mas, provavelmente, repercutindo e recriando apenas os problemas, sonhos, esperanças, amarguras e desilusões que são de toda a gente, e que, estando inefavelmente inscritas no Inconsciente Colectivo, dele emergiram e se reflectiram no espelho de imagens que é a alma do autor”. (Palavras do próprio autor)

Material recolhido do vasto acervo pessoal de sua irmã,
Carmo Vasconcelos



In Memoriam Condorcet Aranha



Condorcet Aranha

Faleceu no passado dia 19 de Novembro o Escritor e Poeta, **Condorcet Aranha**. Pesquisador Científico - Nível VI, aposentado pelo Instituto Agronômico (Campinas/SP) Governo do Estado de São Paulo. Doutor em Ciências, pela Universidade Estadual de Campinas/SP – UNICAMP. Farmacêutico-Químico, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / RJ. Publicações Científicas: cinco livros e sessenta artigos nas mais conceituadas revistas, boletins e periódicos científicos. Artigos científicos no jornal “O Estado de São Paulo”. Colaborador dos jornais “Diário do Povo” e “Correio Popular”, Campinas, SP. (poemas, contos e artigos científicos); Colaborador do “Jornal de Serra Negra”, Serra Negra, SP. (poesias, artigos científicos, análise política e charges). Colaborador com crônicas para o jornal “A Notícia”, Joinville, Santa Catarina. Publicações literárias em dezenas de antologias. Premiações em concursos literários a nível nacional e internacional. Livros solo: “Versos Diversos” poesias 2001, “Histórias do famaliá” contos/crônicas 2003, “Sonhos ou Verdades”, contos/crônicas 2006. Membro Titular da Cadeira nº 25, Colegiado Acadêmico, nas Áreas de Letras e de Ciências do Clube dos Escritores de Piracicaba São Paulo, Brasil. Membro no Grau Superior da Ordem da Sereníssima Lyra de Bronze, Porto Alegre / Rio Grande do Sul. Brasil. Academico da Accademia Internazionale Il Convívio, Castiglione di Sicília, Itália. Membro Correspondente da

Academia Cachoeirense de Letras / Espirito Santo. Brasil. Membro da Casa do Poeta Rio-Grandense, São Luiz Gonzaga/ Rio Grande do Sul. Brasil. Membro Correspondente da Academia Ponta-Grossense de Letras e Artes – APLA – Paraná. Brasil. Membro Correspondente da Casa do Poeta Rio Grandense, Porto Alegre/RS. Brasil. Sócio Honorário da Associazione Culturale ZACEM, Città di Savona, Itália.

Sócio da ALPAS XXI – Associação Artística e Literária Palavras do Século XXI. Brasil. Sócio da APPERJ – Associação dos Poetas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro/Brasil. World Poets Society – A Literary Organization for Contemporary Poets from all around the World. Grécia.

Cônsul em Joinville/SC do Poetas Del Mundo

Actualmente era Vice-Presidente da AVSPE (Academia Virtual Sala de Poetas e escritores)

VERSEJANDO-ME**Condorcet Aranha - Joinville - Santa Catarina**

Toda poesia que eu faço é dúvida infinda,
 busca pela vida e até por que a beleza existe?
 Por isso estudo, procuro e, não é nada ainda,
 porque será que me mantenho indignado e triste?
 Já no ocaso dessa vida de futuro incerto,
 enquanto a cada dia a saudade cresce
 também, por consequência, vejo o fim mais perto.
 Como me alegrar se o meu eu padece,
 como perceber que a felicidade existe?
 Como mantereí dentro do peito o amor?
 Se, minha dura e maior dúvida, é cruel, persiste
 no destino que não quero e, temperando a dor,
 não posso enganar que deixarei o perdão,
 a quem me pôs aqui para levar depois.
 Pelo que sinto no meu coração,
 angústia e sofrimento, não por mim, por dois,
 Pois a mulher e filho que na vida deixo,
 terão muita alegria pra sofrer no fim
 e se sentirão, apenas como um seixo,
 para carregar saudades do meu eu, de mim?
 Nasci e cresci, logo que os conheci e amei,
 senti que deixaria, aqui, a natureza linda e tudo que desejo
 com a dúvida eterna, mas partirei,
 deixando meu protesto, enquanto me versejo.

CENTELHAS DE ILUSÃO**Condorcet Aranha - Joinville - Santa Catarina**

Meu coração agora incandescente,
 que se aproxima de ser pó, ser cinza,
 enquanto arde e é ainda quente
 mantém um velho chato e ranzinza.

Enquanto o fogo existe, há esperança
 na ilusão fingida e na centelha,
 onde guardei com fé desde criança
 não só o amor, também a minha ovelha.

Hoje já sei que a paz nunca existiu,
 que a vida é tempo que escoar é fácil
 e o sentimento foi mais um ardil
 para enganar-me de uma forma grácil.

Por que será que a fé ainda persiste,
 entre os escombros desse corpo frágil,
 Se no amanhã, por certo, nada existe
 e até a mente já será volátil?

Mas, no ocaso desta vida incerta
 talvez a paz se chegue e me consagre.
 Seguro a fé e fico bem alerta
 pra ser o exemplo... Se existir milagre.

**21.Dez.2012****Uma nova era ou uma mistificação?***(terceira e última parte)*

Para os maias, no último desastre, a civilização teria sido destruída por uma grande inundação que deixou apenas alguns sobreviventes dos quais eles eram seus descendentes.

Pensavam que, ao conhecer o final desses ciclos, muitos humanos se preparariam para o que viria e que graças a isso haviam conseguido conservar sobre o Planeta a espécie pensante, o ser humano. Falam sobre o "tempo do não-tempo", um período de 20 anos chamado "Katún", os últimos 20 anos desse grande ciclo de 5.125 anos, quer dizer, de 1992 até 2012. Diziam que nesse tempo manchas do vento solar cada vez mais intensas apareceriam no Sol e que, a partir de 1992, a humanidade entraria em um último período de grandes aprendizagens, de grandes mudanças.

Que nossa própria conduta de depredação e contaminação do Planeta contribuiria para conscientização coletiva e nos forçaria a uma nova conduta perante o planeta. Essas mudanças acontecerão para que possamos entender como funciona o Universo e avançar em níveis superiores, deixando para trás o materialismo e nos livrando do sofrimento.

Diziam que a terra despertará pelo norte e pelo poente, começando uma época de escuridão que todos nós enfrentaríamos com nossa própria conduta. Disseram que as palavras de seus sacerdotes seriam escutadas por todos nós como orientação para o despertar. Eles falavam dessa época como o tempo em que a humanidade entrará no grande salão dos espelhos, um momento de mudanças, o homem em frente a si, mesmo, para que enxergue e analise seu próprio comportamento com ele mesmo, com os demais, com a natureza e com o Planeta em que vive.

Uma época para que toda a humanidade por decisão consciente de cada um decida mudar e eliminar o medo e a falta de respeito de todas as nossas relações.

Diziam que o comportamento de toda a humanidade mudaria rapidamente a partir do eclipse solar de 11 de agosto de 1999, dia em que um anel de fogo cortou o céu; foi um eclipse sem precedentes na História pelo alinhamento em cruz cósmico com o centro da Terra de quase todos os planetas do Sistema Solar. Eles nos posicionaram quatro signos do zodíaco que são os dos quatro evangelistas, os quatro guardiões do trono que protagonizam o Apocalipse segundo São João.

Além disso, a sombra que a Lua projetou sobre a Terra atravessou a Europa, passando por Kosovo, depois pelo Oriente Médio, Irã, Iraque e posteriormente se dirigindo ao Paquistão e à Índia. Sua sombra parecia prever uma área de conflitos e guerras. Os maias sustentavam que, a partir desse eclipse, o homem perderia facilmente o controle ou então alcançaria sua paz interior e tolerância, evitando os conflitos; anunciavam uma época de mudanças, que é a antessala de uma Nova Era. Diziam que a energia que recebemos do centro da galáxia aumentará e acelerará a vibração em todo o Universo para conduzir a uma maior perfeição. Isso produzirá mudanças físicas no Sol e psicológicas no ser humano.



Serão transformadas as formas de relacionamento e de comunicação. Simultaneamente, mais e mais pessoas encontrarão a paz interior, aprenderão a controlar suas emoções, haverá mais respeito, serão mais tolerantes e compreensivas, encontrarão o amor e a unidade. Surgirão homens com altíssimos níveis de energia interna, pessoas com sensibilidade e poderes intuitivos para a salvação. Todos se posicionarão segundo o que são e os que conservam a harmonia entenderão isso como um processo de evolução no Universo. Os conflitos existirão, mas também darão lugar às circunstâncias de solidariedade e respeito pelo semelhante. Isso significa que o céu e o inferno se manifestarão ao mesmo tempo. Na época da mudança dos tempos, todas as opções estarão disponíveis e praticamente sem nenhuma censura; os valores morais estarão mais evidentes que nunca para que cada um se manifeste livremente como realmente é. Devemos, então, concentrar-nos em produzir resultados positivos de nossas ações. Todos esses processos existem para que a humanidade se expanda pela Galáxia, compreendendo sua integridade fundamental com tudo o que existe. Certamente muitas mudanças acontecerão e, nesse momento, um dos aspectos mais marcantes certamente será a nossa relação com o sistema capitalista que aí está. Desde 1995, a economia mundial não é mais dominada pelo intercâmbio de automóveis, aço, trigo e outros bens e artigos reais, mas pelo intercâmbio de dívidas, ações e títulos de crédito, quer dizer, de riqueza virtual com a qual é muito fácil especular. A especulação em torno do capital financeiro levará a uma situação econômica muito complicada. Nesse momento, quase todas as economias do mundo estarão com problemas de especulações financeiras; os salva-vidas do governo com dinheiro de bancos que se encontrarão à beira da falência. Não será o fim do capitalismo, mas o início de um novo modelo de relação comercial que virá a ser construído, pois o sistema hoje operante já está em franca transformação.

As escrituras maias dizem que em um certo momento o Sistema Solar, em seu giro cíclico, sairá da noite para entrar no amanhecer da Galáxia. Elas nos falam que, nos 13 anos (que vão de 1999 até 2012), a luz emitida desde o centro da Galáxia sincroniza todos os seres vivos e permite-lhes concordar voluntariamente com uma transformação interna que produz novas realidades. E que todos os seres humanos têm a oportunidade de mudar e romper suas limitações por meio do pensamento. Os seres humanos que voluntariamente encontrarem seu estado de paz interior, elevando sua energia vital, levando sua frequência de vibração interior do medo para o amor, poderão captar o pensamento e se expressar por seu intermédio, com isso florescendo o novo sentido. A energia adicional do raio emitido por Runacku (ou Alcion, o centro da Galáxia) ativa o código genético de origem divina nos seres humanos que estejam em alta frequência de vibração. Tal sentido ampliará a consciência de todos os seres humanos, gerando uma nova realidade individual, coletiva e universal. Uma das maiores transformações ocorrerá em nível planetário, porque todos os homens conectados entre si como um só todo darão nascimento a um novo ser na ordem galáctica. A reintegração das consciências individuais de milhões de seres humanos despertará uma nova consciência, na qual todos entenderão que fazem parte de um mesmo organismo gigantesco. A capacidade de ler o pensamento entre os humanos revolucionará totalmente a civilização, pois desaparecerão todos os limites, a mentira será eliminada para sempre porque ninguém poderá ocultar mais nada. Iniciar-se-á uma época de transparência e de luz que não poderá ser oculta por nenhuma violência ou emoção negativa. Desaparecerão as leis e os controles externos, como a polícia e o exército, porque cada ser se fará responsável por seus atos; não será preciso implantar nenhum direito ou dever pela força. Será formado um governo mundial e harmônico, com os seres mais sábios e evoluídos do Planeta, e não existirão fronteiras nem nacionalidades. Findarão os limites impostos pela propriedade privada e o dinheiro não será mais necessário como algo que direcione a vida das pessoas, e sim seus propósitos individuais. Serão implantadas tecnologias para o controle da luz e da energia, e com elas a matéria se transformará, produzindo de maneira simples tudo o que for necessário e dando um basta à pobreza para sempre. Com a comunicação pelo pensamento, haverá um supersistema imunológico que eliminará as baixas vibrações do medo produzidas pelas enfermidades, prolongando a vida dos humanos.

A Nova Era não precisará da aprendizagem inversa, produzida pelas doenças e sofrimento que caracterizaram os últimos milhares de anos da História. A comunicação e a reintegração farão com que as experiências e lembranças individuais e os conhecimentos adquiridos sejam disponíveis sem egoísmo para todos os outros. Será como uma Internet em nível mental que multiplicará exponencialmente a velocidade das descobertas e serão criadas sinergias nunca antes imaginadas. Os julgamentos e os valores morais que mudam com o tempo serão extintos. O respeito será o elemento fundamental da cultura, transformando o indivíduo e a comunidade. As manifestações artísticas, as ocupações estéticas e as atividades recreativas comunitárias e culturais ocuparão a mente do ser humano. Milhares de anos fundamentados na separação entre os homens que adoraram um Deus que julga e castiga se transformarão para sempre.

O ser humano viverá a primavera galáctica, o florescimento de uma nova realidade baseada na reintegração com o Planeta e com todos os seres humanos. Nesse momento, compreenderemos que somos parte de um único organismo gigantesco e nos conectaremos com a Terra, uns com os outros, com nosso Sol e com a Galáxia inteira. Todos os seres humanos entenderão que os reinos mineral, vegetal e animal e toda a matéria espalhada pelo Universo em todas as escalas, desde um átomo até uma Galáxia, são seres vivos com uma consciência evolutiva. Na Nova Terra, todas as relações serão baseadas na tolerância e na flexibilidade, porque o homem sentirá os outros seres como parte de si mesmo.

*Registro Akáshico: akasha é uma palavra em sânscrito que significa céu, espaço ou éter. Segundo o Hinduísmo e diversas correntes místicas, são um conjunto de conhecimentos armazenados misticamente no éter, que abrangem tudo o que ocorre, ocorreu e ocorrerá no Universo. São encontrados na zona intermediária entre os mundos astral e mental, parcialmente astral e mental, e, de certa forma, interpenetrando todos os níveis. Eles são registros de todo pensamento e evento que já ocorreram, como um enorme, infinito livro ilustrado de história mental.

Os registros akáshicos também contêm probabilidades que brotam e que são criadas por acontecimentos, ações e pensamentos passados e no futuro.



"2012: A Era de Ouro"

Autores: Carlos Torres e Sueli Zanquim

Editora: Madras

Páginas: 176

Onde comprar: Pelo telefone 0800-140090 e no site da Livraria da Folha

“As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária.

A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores.”